

Introdução para uma análise sobre o pensamento conservador brasileiro no período mais recente da presença obrigatória da Sociologia no Ensino Médio (2008-2018)

Analysis of Brazilian conservative thinking in the most recent period of the mandatory presence of Sociology in High School Education (2008-2018)

Gustavo Cravo de Azevedo¹
Universidade Federal do Rio de Janeiro
gustavo_cravo@hotmail.com

Mário Jorge de Paiva²
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
mariojpaiva91@gmail.com

Resumo: Este artigo possui como objetivo apresentar múltiplas facetas do pensamento de direita brasileiro entre 2008 e 2018. Iremos observar implicações e/ou causalidades no período, entre o conservadorismo e o ensino de Sociologia; no tempo entre a reinserção da Sociologia obrigatória no Ensino Médio, com a Lei Federal n. 11684/2008, até a reforma educacional que retirou a obrigatoriedade de tal disciplina. Nossa pesquisa é qualitativa, e envolve tanto uma análise de um aporte teórico sobre os elementos temáticos abordados, quanto uma análise de conjuntura. O artigo conclui por mostrar que a expansão de um ideário de nova direita, que não é exclusivamente conservador, conforme iremos demonstrar, possui impactos sobre modelos de ensino e pedagogia no país.

Palavras-chave: Sociologia; Ensino Médio; Conservadorismo.

Abstract: This article aims to present multiple facets of Brazilian conservative thought between 2008-2018. We will observe implications and/or causalities in the period, between

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

² Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

conservatism thought and the teaching of sociology, in the period between the reinsertion of compulsory Sociology in High School, with Law n. 11684/2008, to the educational reform that removed the obligation of such discipline. Our research is qualitative, it involves an analysis of a theoretical contribution on the themes, Conservative Thought/Sociology of Education, and an analysis of the Brazilian educational system. The article concludes by showing that the expansion of a new right ideology, which is not exclusively conservative, as we will demonstrate, has impacts on teaching and pedagogy models in the country.

Keywords: Sociology; High School; Conservatism.

Introdução

O presente artigo possui como objetivo analisar qualitativamente o encontro entre duas variáveis analíticas, que se mostram de relevância dentro do quadro conjuntural da Sociologia Brasileira Contemporânea. Aqui nos referimos ao avanço do que está sendo chamado de uma Nova Direita Brasileira, e como esse avanço, de algum modo, afeta o quadro institucional e de *habitus* dentro das práticas de ensino de Sociologia no Ensino Médio.

Enquanto uma pesquisa qualitativa, não nos pautaremos, por uma análise estatística ou relatórios tabulares, vamos pensar em uma leitura introdutória ao tema, ainda pouco estudado dentro da bibliografia brasileira; nos referimos ao cruzamento entre análises sobre a Nova Direita e a Sociologia da Educação.

Nosso trabalho deseja dialogar assim, de algum modo, com toda uma bibliografia nacional e internacional, que trata da ascensão e dos impactos de partidos/ideias de direita, no Brasil e no Mundo. Aqui pensamos em Cas Mudde (2000), Ruy Fausto (2017), Jorge Chaloub (2015), Ariel Finguerut & Marco Souza (2018), Mário Paiva (2019, 2021), Marcos Paulo Quadros (2015), Lucas Patschiki (2012), Andreas Fagerholm (2016), Briefing Paper & Sophie Gaston (2017), Annie Kelly (2017), Jacob Davey & Julia Ebner (2017), Manuela Caiani (2017), Giuliano Da Empoli (2020) etc.

Em termos de metodologia, nosso trabalho se divide em três partes. Primeira, uma revisão da bibliografia, sobre os temas da Sociologia da Educação e dos estudos sobre direita. Segunda, pautados por uma chave de História das Ideias – tal campo como uma abordagem sobre a *anatomia* do pensamento, que tenta, de diferentes formas, seguir o desenvolvimento de conceitos, ideias e teorias; e mesmo de estudar a *doxologia* de um quadro social, no caso –, usamos este aporte para uma análise hermenêutica conceitual, que serviu para nos orientar nos conceitos polissêmicos existentes. Terceira, do arcabouço ideal, analisamos tal conjuntura educacional, no período recortado pelo presente artigo; dando ênfase aos elementos que envolvem a reforma do Ensino Médio, o Escola Sem Partido, as manifestações estudantis de 2016 e o pânico moral que certas pautas levantam.

Nosso presente trabalho começou pela Introdução. Passa então para uma primeira seção chamada O que é o pensamento conservador e a nova direita brasileira? Esta parte visa apresentar, mais precisamente, o que seria o pensamento conservador, baseado em tipos ideais, e igualmente discutir o Brasil enquanto um

solo para ideias de direita. Como ideias conservadoras ou reacionárias chegaram ao país? Eis questão de peso. A segunda seção, Sobre a Sociologia no Ensino Médio e a relação com certos seguimentos da direita, demonstra como o clima político pode afetar a Sociologia no processo escolar, falando um pouco inclusive sobre o estado atual da disciplina no quadro educacional do país; nesse momento, direcionaremos nossas *lentes* para o tema mais preciso do artigo. O artigo termina com algumas considerações finais, que buscam dar maior coesão ao texto, como também apontar conclusões parciais, tendo em vista que o objetivo do artigo é a análise introdutória, de questões ainda pouco desenvolvidas, dentro do nosso aporte usado de Sociologia da Educação.

O que é o pensamento conservador e a nova direita brasileira?

Para começarmos tal seguimento, devemos lembrar que conceitos políticos, como demonstra Michael Oakeshott, são polissêmicos. Assim, nossa primeira consideração é lembrar como não há uma definição final de conservadorismo.

Em nossa leitura o conservadorismo pode ser definido de dois modos diferentes (Cf. PAIVA, 2021): ou como uma disposição, algo mais próximo dos termos de Oakeshott (1981), ou como uma corrente política, a qual possui como um dos grandes pilares modernos o pensamento de Edmund Burke (2012). Mesmo que uma série de pensadores anteriores termine por influenciar esse conservadorismo de base inglesa, desde Platão e Aristóteles (Cf. BLOXHAM, 2019), até David Hume, Richard Hooker etc.

Uma definição é mais geral, todos teriam alguma base conservadora, pois o conservadorismo é considerado uma disposição para proteger e preservar o que se ama, algo mostrado em João Pereira Coutinho (2014); ou como algo moderno e com uma série de ideias mais específicas, envolvendo toda uma tradição que perpassa, em maior ou menor grau, autores como Edmund Burke (2012), Alexis de Tocqueville, Russell Kirk (2008), Robert Nisbet, Richard Weaver (2016), Gertrude Himmelfarb (2015), Roger Scruton etc.

Vale também referir como direita e conservadorismo não são a mesma coisa, mesmo que os termos possuam plasticidade e possam se misturar, como demonstra Mário Paiva (2019, p. 92). Direita e esquerda, como mostra Norberto Bobbio (1995), se referem ao campo topográfico político, de uma grande diáde generalizante. Assim encaramos o pensamento conservador como um elemento dentro de uma categoria maior, que também engloba outros conceitos, com proximidades e afastamentos em relação ao conservadorismo, *vide*: liberalismo (Cf. MERQUIOR, 2014); mente reacionária (Cf. LILLA, 2018; COUTINHO, 2014; PAIVA, 2019, 2021; SOARES, 2009); tradicionalismo (Cf. MANNHEIM, 1981; LYNCH, 2008); neoconservadorismo (Cf. TRIGUEIRO, 2017); elitismo (Cf. PAIVA, 2019, 2021); romantismo (Cf. KIRK, 2008); entre outros conceitos.

Não causa surpresa, então, que se possa falar de subdivisões do pensamento conservador, algo mostrado, por exemplo, por Marcos Quadros (2015) ou Mário Paiva (2019, 2021). Há conservadorismos mais voltados para uma mentalidade reacionária, ou ao ceticismo, ou ao liberalismo etc.

São partidos e movimentos conservadores os representantes de uma direita moderada, que se pautam no não igualitarismo e na liberdade. Assim se separando tal centro-direita do que é a direita radical, mais reacionária, mais agressiva em sua forma argumentativa, e mesmo contra certas pautas liberais; o que inclusive leva muitos entes, corretamente, ao apontamento de elementos semelhantes entre tais direitas radicais de hoje e movimentos fascista do século XX. Muito do que se vive hoje no mundo em termos de desinformação, teorias conspiratórias, xenofobia, homofobia, desgastes em relação ao modelo da democracia republicana vigente etc., envolve mais uma direita radical, nos moldes de um Olavo de Carvalho – que colocou em questão o formato do planeta (Cf. PAIVA, 2021) e chamou o sofrimento da comunidade LGBTI+ de *lágrimas de crocodilo*, em seu bizarro artigo *Mentiras gays* (Cf. CARVALHO, 2018); além de ofender e espalhar mentiras na internet sobre adversários políticos –, do que um pensamento moderado, pautado em Burke ou Hume.

Sendo um equívoco acreditar que todo o pensamento conservador seria pró-liberalismo. Como aponta Coutinho (2014), se poderia fazer um manual anticapitalista só com autores conservadores, porque o conservadorismo pode ter medo de que as relações comerciais destruam outros elementos mais importantes para a sociedade, perante a supremacia do dinheiro. Não é sem razão, assim, que Scruton (2016) fale de um conservadorismo que se some aos valores ecológicos. Mesmo que também não possamos perder de vista como a sociedade de Burke já era uma sociedade comercial, por isso se podem fazer paralelos e traçar similaridades entre Burke e Adam Smith, como demonstra Himmelfarb (2015). Conservadorismo e liberalismo já se misturavam modernamente, como demonstra Lynch (2008; 2016).

Podemos falar genericamente em princípios conservadores, mesmo que não derradeiros, como explicita Mário Paiva (2019, p. 96-97), seguindo uma leitura de Russell Kirk. Os conservadores geralmente acreditam em uma ordem moral durável, aderem normalmente às convenções e aos costumes, porque as coisas são consagradas por terem sobrevivido ao teste do tempo. Assim como desejam sociedades e mudanças lentas e prudentes; desejam sociedades diversificadas, não acreditando em grandes homogeneidades ou planejamentos sociais.³ Acreditam que o valor da liberdade está ligado à propriedade privada etc.

Em resumo, o conservadorismo é uma postura de mudanças lentas, sendo ele geralmente associado ao campo moderado da direita; não é uma agenda exclusivamente econômica ou política, e que se nutre, classicamente, de autores como Burke, Hume, Tocqueville etc. Indo contra agendas ligadas ao pensamento clássico de esquerda, seja ele representado por Karl Marx, pelos utilitaristas etc. A mentalidade conservadora parece tipicamente reformista, se formos pensar em Burke (2012), logo mesmo que não seja imobilista, ela deseja mudanças prudentes, como demonstra Oakeshott (1981).

Um grande problema do conservadorismo então, seguindo nossa leitura de Oakeshott, pode ser não reconhecer o movimento urgente real, acreditando que é mais uma moda, em um ceticismo plácido. Isso, em uma situação de graves problemas políticos, pode criar cenários dos mais desastrosos; que inclusive pode

³ Não acreditam em ordens perfeitas, já que o humano é imperfeito, logo sendo contra grandes utopias ou contra formas de anarquia.

ser ferramenta muito útil da direita radical, que pode ir se apossando dos debates vistos como legítimos dentro da direita, e, aos poucos, ir radicalizando o tom das narrativas, enquanto se apresenta com rótulos mais chamativos. Um radical pode, muitas vezes, tentar fazer seu argumento se passar por moderado; *vender* sua luta contra grupos minoritários como uma forma de proteger o *real* valor da liberdade de expressão, ou da família, e uma querela contra a *censura* do politicamente correto; como se a direita clássica não falasse sobre regras sociais que restringem liberdade.

Por isso, há todo um aporte, já citado no presente artigo, preocupado sobre o uso da internet feito por grupos de direita, nesses termos não é passível de esquecimento como grupos de direita politizaram, de modo radical, questões de suma importância, como a saúde pública, por exemplo, se formos pensar no que envolveu os debates bolsonaristas em relação ao avanço da COVID. Do mesmo modo, tais grupos podem incitar agressividade contra grupos minoritários, mesmo sem falar em violência de modo explícito. Valendo toda uma análise própria sobre os ataques sistemáticos contra centrais instituições da coisa pública. E isto é importante, a tentativa da criação de argumentos de autoridade em entes que não possuem autoridade alguma nos temas referidos.

Há o elemento do capital simbólico, nisso Olavo de Carvalho vira o professor Olavo de Carvalho, e ganha autoridade por um viés de confirmação, para alguns, para falar sobre absolutamente qualquer tema. Sendo esse apenas um exemplo, de muitos. De uma tentativa de *tomada* dos espaços do *saber* por entes que não possuem formas para disputarem o espaço nos campos de outra forma. Porém, além de aumentarem o capital simbólico, esses entes, da direita radical em descrição, precisam também fazer outro movimento, minar fontes, concorrentes, de *saber*, *poder*, modelagem social. Nesse tipo de ferramenta retórica o Supremo Tribunal Federal vira golpista; pesquisas eleitorais se tornam mentiras pagas pelo agente A ou B, de algum inimigo político eleito; vacinas se tornam ineficientes, e até causadoras de doenças graves; o que o professor de História ou Sociologia ensina é Marxismo Cultural, um rótulo político fantasmagórico, como o de Ideologia de Gênero,⁴ muito útil para se acusar qualquer coisa discordante; etc.

Avancemos agora falando, mais, da questão da original relação entre o Brasil e ideias de direita. Para início de tal discussão, mais direcionada, as ideias do conservadorismo, enquanto corrente política, chega ao Brasil, como demonstra Lynch (2016), exatamente com esse intuito de ser uma forma reformista, sendo um freio para ideias revolucionárias, que podiam ser importadas da Europa ou de alguns de nossos países vizinhos na América Latina.

O conservadorismo possui longa história no país, como demonstra Lynch (2008, 2016), André Kaysel (2015), José Murilo de Carvalho (2012), etc. Em que se soma ao pensamento político moldado por Burke, toda uma mentalidade tradicionalista católica, que dialoga com o Iberismo português, a Contrarreforma, a

⁴ Sobre o conceito genérico de Ideologia de Gênero, Bortolini (2020) aborda isto como uma tática e técnica discursiva de contra-ataque feita pela *intelligentsia* católica na década de 90, diante de processos bem-sucedidos de mudanças sociais, mas que chegou no Brasil com atraso. Um ponto também tratado, por exemplo. Também aborda Bortolini (2020) todo um discurso de cruzada moral de proteger a maioria da sociedade.

Escolástica etc.⁵ Mas, segundo certos autores, a mentalidade reacionária, propriamente dita, não encontrou no Brasil terreno fértil (Lynch, 2008; Keyssel, 2015). Pois não houve espaço aqui para uma direita mais radical nesses padrões, em que o radicalismo de Brás Florentino era visto como o de um autor isolado no cenário moderado existente.⁶

Nosso Estado preservou a forma monárquica e sua base escravocrata, além dos fortes vínculos com nossas origens coloniais. Logo não causa surpresa que no Brasil o Partido Conservador, de 1830 e 1840, tenha dominado o processo de consolidação do Estado (Keyssel, 2015, p. 52).

Muitos seriam os nomes, que aqui poderiam ser citados, para falar de uma tradição conservadora no Brasil do Império até o presente tempo, passando pelos representantes do Partido Conservador, por Joaquim Nabuco (2005), pela Sociologia Católica dos anos 30 (Cf. BODART & SILVA, 2019; CIGALES, 2019), Gilberto Freyre (2003; 2006), Vicente Ferreira da Silva (2011), Gustavo Corção (Cf. PAULA, 2015), Nelson Rodrigues (Cf. PAIVA, 2021), Carlos Lacerda, Paulo Francis (Cf. PAIVA, 2021), José Guilherme Merquior (Cf. PAIVA, 2021), etc., até chegarmos ao que hoje estão chamando de Nova Direita Brasileira.

A Nova Direita Brasileira, grosso modo como demonstra Camila Rocha (2018), é uma geração múltipla de direita, que alcançou maior poder diante de uma crise do *lulismo* no Brasil. Mesmo que também haja elementos internacionais para serem discutidos, como a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos, um crescimento da direita radical na França, o caso da Hungria etc.

Podemos, por isso, falar de uma direita que vem se fortalecendo de 2005 em diante (Cf. PAIVA, 2021), e que alcançou seu apogeu com elementos como o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, em 2016, e a eleição de Jair Bolsonaro em 2018; enfim, eventos dentro do recorte temporal escolhido para este trabalho.

Bolsonaro, enquanto político, não pode ser visto como tipicamente conservador, sendo uma soma, para obter maior apoio popular, entre diferentes correntes de direita, sejam elas liberais, conservadoras, reacionárias etc. E essa nova geração de direita se pauta muitas vezes por uma postura de argumentação agressiva e polemismo (Cf. PAIVA, 2021).

Sociologia no Ensino Médio e a relação com certos seguimentos da direita

A Sociologia escolar, sobretudo a partir de 2016, passou por um período marcado por acontecimentos que trouxeram profundas mudanças. Neste ano, há o lançamento da Medida Provisória nº 746, que viria a se tornar a Lei Federal nº 13.415/2017, conhecida como Lei da Reforma do Ensino Médio. O período foi marcado pelas ocupações de escolas pela juventude, sobretudo em nível de Ensino Médio. No mesmo ano, houve o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff (PT) e a posse do presidente Michel Temer (PMDB),

⁵ Assim, vale lembrar, que as fontes do conservadorismo moderno envolvem elementos que não são necessariamente modernos, como já dito.

⁶ Logo a disputa maior era entre liberais e conservadores.

em um momento de tensão na política nacional. Além de todos os acontecimentos citados, houve o lançamento, em 2016, da segunda versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), fruto do condensamento do debate público acumulado sobre a primeira versão. Porém, com a mudança política do país, surgiu ainda uma nova versão da BNCC, que seria a versão final, aprovada e divulgada em 2018⁷. A reforma do ensino médio e a BNCC se confundiram no debate público, porque foram aprovadas praticamente na mesma época.

O período, também, foi marcado por um momento de força do projeto Escola Sem Partido (ESP). E mesmo o projeto sendo derrotado em nível legislativo, na maior parte do país em nível municipal, estadual e federal, ele obteve algum êxito em impactar, sobretudo, as disciplinas de Humanidades, mas não só⁸, e com isso prejudicar a necessária confiança pedagógica entre discentes e docentes na escola. A Sociologia é assim impactada e prejudicada pelo clima cultural, em que mergulhou o país.

Vale ressaltar como há um enorme aporte sobre a desigualdade estrutural e estruturante no país, que, obviamente, igualmente impacta resultados escolares, em que o índice da fome, e seu crescimento, não pode passar despercebido. Assim como o elevado índice de desemprego, inflação – que não afeta toda a população igualmente –, precarização do trabalho⁹, etc., colocam em questão até que ponto uma *pura* lógica meritocrática, uma base bem comum em certas discussões liberais, ou em uma agenda ultraliberal, poderiam resolver certos problemas sociais.

Nas ocupações de 2016, uma das pautas estabelecidas pelos estudantes foi um aumento da carga horária das disciplinas de Sociologia e de Filosofia, porque, provavelmente, viam naquelas disciplinas uma janela de discussão mais próxima com suas vidas (TOMAZ, 2019). Os alunos que participaram das ocupações, oriundos das classes populares, demonstram assim uma insatisfação com pontos *contundentes* das políticas públicas que os atingem; tendo resolvido, como aponta Camasmie (2018), dessa vez, mostrar que queriam ser ouvidos e que tinham o que dizer. Nesses termos Sociologia, e matérias desse quadro de Ciências Humanas, podem servir de base para o desenvolvimento do senso crítico social, e mesmo pensar em mudanças, afinal tudo pode começar com um exercício de *paralaxe*, uma mudança de perspectiva pode alterar profundamente o que estamos observando e aceitando como natural, correto, justo.

O que a escola oferece, para muitos desses jovens, que não possuem boas condições dentro da disputa *meritocrática* por bens escassos? É clichê apontar que a escola precisa dialogar com a realidade do jovem. Mas isso é o óbvio, que precisa ser repetido, diante, por exemplo, de segmentos sociais que tentam calar e tratar com pânico moral certas pautas LGBTI+, enquanto uma série de jovens LGBTI+ estão sendo expulsos de casa e caindo na prostituição, ainda menores de idade, por causa disso.

Camasmie (2018), assim, acredita que o Ensino Médio atual precisa compor uma linha divisória da

⁷ A primeira versão foi um teste e um momento para ouvir críticas e contribuições. A segunda versão, que seria a final, sofreu grandes modificações com a mudança política no país, o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff (PT) e a entrada de Michel Temer (PMDB). Por fim, a terceira versão, já no novo governo, ficou sendo a versão final.

⁸ Professores de Biologia, por exemplo, tiveram problemas em alguns momentos, ao quererem cumprir o currículo e trabalhar a evolução.

⁹ *Vide* o que alguns pesquisadores chamariam de *uberização* do trabalho.

vida política do país. Esses jovens devem participam ativamente da arena pública ou não há democracia. Apontando as bandeiras, dos estudantes das ocupações, como uma defesa da escola pública, contrariando um senso comum popular, que diz que o aluno pobre não quer estudar, que ele não tem interesse.

A educação pode se tornar um lugar de muito conflito. Isso está latente, e a escola foi politizada justamente por isso. O projeto Escola Sem Partido e a escola cívico-militar são contra expressões disso, de jovens das classes populares chegando aos espaços em questão. A ESP assim pode ser lida como um enfrentamento de um projeto de escola democrática (BURGOS, 2018).

A reforma do Ensino Médio foi a primeira grande reforma do governo Temer, ela veio antes da reforma trabalhista. A urgência com que ela foi feita – por meio de uma Medida Provisória –, e a narrativa da catástrofe, que foi construída para caracterizar o nosso ensino, pode significar que o movimento das ocupações e a própria maneira como o ensino estava avançando, por mais frágil que seja, formando jovens com maior autonomia, foi um fator preponderante para essa rapidez (BURGOS, 2018). Assim uma mudança no ensino, para algo menos *crítico*, em um sentido sociológico ou filosófico do termo, pode fortalecer pautas de direita; conservadoras, liberais, reacionárias.

O Escola Sem Partido, bem como a reforma do Ensino Médio, podem ser vistos assim como uma espécie de cortina de fumaça de problemas muito concretos da escola, e que infelizmente são velhos conhecidos, como demonstra Frigotto (2017, p. 331).

Sobre o projeto ESP, segundo nosso aporte, o movimento surgiu em 2004 e possui como objetivo a aprovação de sua pauta através de anteprojetos de lei. Os autores falam que o objetivo é vedar a difusão de conteúdos que estejam em conflito com convicções morais dos responsáveis pelos estudantes (BRANDÃO; GAMEIRO; SOUZA, 2019, p. 95-96). Os anteprojetos são bem semelhantes, e segundo os autores, interferem diretamente na atividade docente. O que inclusive levou ao movimento de elaboração de projetos legislativos contrários ao Escola Sem Partido. Em que, na leitura dos autores, o PL pode afetar o sentido universal de uma educação para a cidadania, como é apontado pela Constituição Federal, em seu artigo 205 (BRANDÃO; GAMEIRO; SOUZA, 2019, p. 96-97). Mesmo que seja válido dizer como não há um sentido unívoco do que seja educar para a cidadania, assim ideologias diferentes terminam tentando se apropriar de tal tópico (BRANDÃO; GAMEIRO; SOUZA, 2019, p. 98).

Há um artigo comum nos projetos do ESP que busca neutralidade ideológica, o que é problemático, igualmente. Pois como se pode educar o cidadão de forma neutra? Se a cidadania está relacionada à questão dos direitos, há a possibilidade de fazer tal processo educativo de forma neutra? Afinal, os autores lembram como os direitos foram conquistados a partir de luta de pessoas organizadas, logo isto seria algo socialmente neutro? E não estimular certas discussões poderia ser considerado neutro? (BRANDÃO; GAMEIRO; SOUZA, 2019, p. 101).

Sobre o respeito de forma justa aos diferentes pontos de leitura, versões, teorias, opiniões etc., isto também traz o problema do que é considerado justo; quem determinará o que é o justo mencionado? O docente ou o Estado? Isto seria neutro? E se o pai defende um ideário político racista? Isto vai contra a Constituição Federal, que determina promover o bem de todos sem preconceitos de origem, etnia, sexo, idade etc. (BRANDÃO; GAMEIRO; SOUZA, 2019, p. 102-103).

Assim os autores apontam uma definição de gênero conservadora, que está em jogo, pois busca manter concepções, por exemplo, tradicionais de gênero, falando também da existência de um ideário neoliberal em relação aos campos educacionais. No qual o professor teria de ser um mero transmissor de conteúdos já programados, viabilizando assim o ensino à distância, que pode levar a mais um aprofundamento da desqualificação do trabalho docente (BRANDÃO; GAMEIRO; SOUZA, 2019, p. 110).

Sobre o trabalho docente Pêrsio Silva, Andréa Silva & Elizabete Melo (2019, p. 193) abordam um quadro de desvalorização política e social da carreira. Além de um quadro de abandono da profissão motivado por precárias condições de trabalho e salário. É elevado o índice de abandono nos cursos de licenciatura no Brasil, havendo uma média nacional de 19%; e é em torno de 48% de licenciandos que não concluem o curso inicial da formação de professores (SILVA; SILVA; MELO, 2019, p. 193-194). Há um grande aporte, também, sobre os mecanismos que provocam tal desvalorização social e política da carreira de docentes (SILVA; SILVA; MELO, 2019, p. 194). Existe assim uma permanente insegurança e dúvidas apresentadas pelos licenciados sobre condições de trabalho (SILVA; SILVA; MELO, 2019, p. 194). Assim certas pautas podem vir para dificultar e piorar, ainda mais, um quadro que não estava bom.

Souza, Brandão & Gameiro (2019) tocam em pontos centrais da questão ao discutirem o Programa Escola sem Partido. Enquanto Bortolini (2020)¹⁰ fala, mormente, de uma pauta moralizante, que pode se sobrepor aos elementos para uma discussão da sexualidade e dos direitos LGBTI+. Em uma balança de poder que demonstrou maior alteração por volta de 2010, pois em 2011, no governo de Dilma Rousseff, houve toda a polêmica envolvendo o material didático preparado pelo governo contra a homofobia¹¹ (BORTOLINI, 2020).

Bortolini correlaciona certa direita com toda uma iniciativa anti-esquerda. Algo acertado, e que muitos outros autores também apontaram, *vide*: Ruy Fausto, Chaloub etc. Logo não foram raros os atores políticos que ganharam capital simbólico, enquanto criticavam certas pautas inclusivas.

É válido ainda reafirmar, como Sociologia, História, Geografia e Filosofia não são os únicos campos que podem envolver querelas entre a religião e a escola. Um exemplo relevante, que está presente em Mário Paiva (2019), é lembrar como existem certos seguimentos que vão contra a Biologia, ao tentarem colocar, por exemplo, o *Design Inteligente*¹² como algo a ser abordado em aulas de ciência; enquanto, concomitantemente, realizam esforços retóricos para tentarem deslegitimar os estudos pioneiros de Darwin sobre Teoria da Evolução. Vale aqui lembrar a defesa que o biólogo Richard Dawkins (2009) realizou para mostrar o grande poder explicativo da Teoria da Evolução. Olavo de Carvalho dizendo que cigarros não fazem mal, que não sabemos o real formato do planeta, toda uma agente negacionista sobre vacinação, e por aí vai., são outras faces desse mesmo problema.

¹⁰ Bortolini (2020) aborda como as discussões sobre diversidade nas escolas acabou por ser alvo de uma ofensiva conservadora e reacionária intensa.

¹¹ Em que setores da direita investiram em uma campanha de que aquilo seria algo que ficou conhecido, pejorativamente, como *kit gay*; a presidente, por fim, pelas pressões, teve de vetar o material.

¹² Hipótese de que a origem da vida surgiu através de uma ação divina.

Considerações finais

Como apresentado, o presente artigo foi uma análise inicial e introdutória sobre duas variáveis analíticas, no caso o campo institucional da educação de Sociologia, em um período delimitado de recorte, e a questão de um avanço político e conjuntural de novos grupos de direita no cenário público, em que tais correntes através de pressões e barulho desejam possuir impactos em âmbito nacional, na questão da educação.

Como igualmente vimos, os estudos acadêmicos sobre direita possuem crescimento nos últimos anos no Brasil, o que sinaliza como a universidade tenta acompanhar tais questões que andam sendo colocadas nas agendas políticas.

O conservadorismo se apresenta como um conceito polissêmico, sendo um quadrante da direita, mesmo que conservadorismo e direita não sejam termos sinônimos (PAIVA, 2019, 2021). Há vários conceitos e espaços dentro da direita, passando pelas diversas correntes de liberalismo, mente reacionária, neoconservadorismo etc. O conservador, enquanto idealmente uma direita moderada, pode temer inclusive os avanços do neoliberalismo, da direita radical etc. (PAIVA, 2021). Sendo, nesses termos, o maior risco no Brasil hoje uma direita radical, com pautas negacionistas, contra minorias, autoritária etc.

O conservadorismo, historicamente, possui grande importância desde a época do Partido Conservador do Império do Brasil. Muitos são os nomes de relevância dentro da direita brasileira, desde Joaquim Nabuco, Gilberto Freyre, Nelson Rodrigues, Merquior etc. A Nova Direita Nacional, enquanto um grupo de embate com toda uma gama de políticas progressistas, que estava sendo implementada no país, possui, fortemente, um viés polêmico e de grande agressividade argumentativa. Levando também em conta como os autores são diferentes entre si.

Enquanto grupo de pressão político, elencamos duas grandes chaves como relevantes dentro da política nacional mais recente: a questão do movimento Escola Sem Partido e as investidas contra as discussões de gênero e sexualidade nos colégios; ainda havendo relação, desse cenário, com tais manifestações estudantis de 2016 e tais alterações legais, governamentais, do Ensino Médio. Sempre tendo em vista como há outros tópicos de disputas, como também foi elencado, *vide* famílias religiosas que podem ser contrárias ao ensino da Teoria da Evolução, e que defendem o criacionismo etc.

O presente texto possuiu apenas um caráter exploratório inicial; futuros estudos, mais direcionados aos campos discutidos, devem ser feitos para complementar e aprimorar o que aqui foi dito.

Referências

- BODART, Cristiano das Neves; SILVA, Elizandra Cristina Rodrigues da. Preocupações didáticas em compêndios de sociologia dos anos de 1930. In: BODART, Cristiano das Neves (Org.). **Sociologia e educação: debates necessários**. Maceió: Café com Sociologia, 2019.
- BORTOLINI, Alexandre. LGBTQ Education, Gender Ideology and the New Far Right in Brazil. **CLACLS CUNY GC**. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?fbclid=IwAR2utp5GQ8vm9MXBrcOxGGohiITCd_3KT9VNHAWw94G54sHCcaZSOChUcpM&v=3UAYqg4DKTM&feature=youtu.be. Acesso em: 5 de jan. de 2022.
- BRANDÃO, Beatriz; GAMEIRO, Thiago Gabriel Silva; SOUZA, Tatiele Pereira de. “Programa Escola sem Partido”: reflexões sobre a cidadania e o trabalho docente. In: Bodart, Cristiano das Neves (Org.). **Sociologia e Educação: debates necessários**. Alagoas: Editora Café com Sociologia, 2019.
- BRASIL. Presidência da República. **Medida Provisória nº 746/2016**. Faz grandes modificações no ensino médio. Brasília, 2016.
- _____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (3ª versão)**. Brasília, 2018.
- _____. Congresso Nacional. **Lei nº 13.415/2017**. Lei da reforma do ensino médio. Brasília, 2017.
- BURKE, Edmund. **Reflexões Sobre a Revolução na França**. Rio de Janeiro: Topbooks Editora E Distribuidora, 2012.
- BLOXHAM, John. 2019. **Ancient Greece and American conservatism: classical influence on the Modern Right**. Nova Iorque: Bloomsbury, 2019.
- BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda – as razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: Unesp, 1995.
- BURGOS, Marcelo. A Base Nacional Comum Curricular Atropelada pela Reforma do Ensino Médio: uma entrevista com Marcelo Burgos. Entrevista concedida a Gustavo Cravo de Azevedo. **Revista Perspectiva Sociológica**, nº 21, 1º sem. 2018, pp.5-20. Disponível em: <https://cp2.g12.br/ojs/index.php/PS/article/view/1738>. Acesso em 06. fev. 2022.
- CAIANI, Manuele. **Radical right-wing movements: who, when, how and why?** 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/323951576_Radical_right-wing_movements_Who_when_how_and_why. Acesso em: 5 de jan. de 2022.
- CAMASMIE, Mariana Junqueira. **O Movimento de Ocupação das escolas e as novas formas de fruição da juventude escolarizada nas classes populares do Brasil**. Dissertação de Mestrado, PUC-Rio, 2018.
- CARVALHO, José Murilo de. A construção da ordem. In: **A construção da ordem/Teatro das sombras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- CARVALHO, Olavo. **O imbecil coletivo**. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- CHALOUB, Jorge Gomes de Souza. **O liberalismo entre o espírito e a espada: a UDN e a República de 1946**. Tese de doutorado em Ciência Política. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://www.iesp.uerj.br/wp-content/uploads/2017/06/Tese_Jorge-Gomes-de-Souza-Chaloub.pdf. Acesso: 5 de Fe. 2022.
- CIGALES, Marcelo Pinheiro. **A Sociologia católica no Brasil (1920-1940): análise sobre os manuais escolares**. Tese de Doutorado em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.
- COUTINHO, João Pereira. **As Ideias Conservadoras**. São Paulo: Três Estrelas, 2014.
- DAVEY, Jacob; EBNER, Julia. The Fringe Insurgency – Connectivity, Convergence and Mainstreaming of the Extreme Right. **ISD, Londres**. 2017. Disponível em: <https://www.isdglobal.org/isd-publications/the-fringe-insurgency-connectivityconvergence-and-mainstreaming-of-the-extreme-right/>. Acesso em: 26 de jan. de 2022.

- DAWKINS, Richard. **O maior espetáculo da terra**. São Paulo: Companhia das letras, 2009
- EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2020
- FAUSTO, Ruy. **Caminhos da esquerda**: elementos para uma reconstrução. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- FAGERHOLM, Andreas. **Comparing far right and far left parties in contemporary Europe: a set-theoretic approach**. 2016. Disponível em: <https://ecpr.eu/Filestore/PaperProposal/795cee26-7680-4436-9cc0-0f893fd2307c.pdf>. Acesso em: 26 de jan. de 2022.
- FINGUERUT, Ariel.; SOUZA, Marco Araújo Dias. Que Direita é Esta? As Referências a Trump na Nova Direita Brasileira Pós-Michel Temer. **Revista TOMO**, Sergipe, n.33, pp. 229-269, 2018. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/tomo/article/view/9357> .Acesso em: 26 de jan. de 2022.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. Reforma de ensino médio do (des) governo de turno: Decreta-se uma escola para os ricos e outra para os pobres. **Movimento-Revista de Educação** , n. 5, 5 jan. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/view/32621>. Acesso em 06.fev.2022.
- GASTON, Sophie; PAPER, Briefing. **Far right extremism in the Populist Age**. 2017. Disponível em: <<https://www.demos.co.uk/wp-content/uploads/2017/06/Demos-Briefing-PaperFar-Right-Extremism-2017.pdf>>. Acesso em: 26 de out. de 2021.
- HIMMELFARB, Gertrude. **Os caminhos para a modernidade**. São Paulo: É Realizações, 2011.
- KAYSEL, André. **Regressando ao regresso**: elementos para uma genealogia das direitas brasileiras. In: CODAS, Gustavo; CRUZ, Sebastião Velasco; KEYSEL, André (Org.). **Direita volver!**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.
- KELLY, Annie. The alt-right: Reactionary rehabilitation for white masculinity. **Eurozine**. 2017. Disponível em: <<https://www.eurozine.com/the-alt-right-reactionary-rehabilitation-for-white-masculinity/>>. Acesso em: 26 de out. de 2021.
- KIRK, Russell. **The conservative mind**. Tennessee: Lightning Source, 2008.
- LILLA, Mark. **A mente naufragada**. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- LYNCH, Christian Edward Cyril. O Pensamento Conservador Ibero-Americano (1808-1850). **Lua Nova**, São Paulo, n. 74, pp. 59-92, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/8yvvtcPS89wtDjyPn7CHtgwb/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 26 de jan. de 2022.
- LYNCH, Christian Edward Cyril. O caleidoscópio conservador: a presença de Edmund Burke no Brasil. In: **Edmund Burke - Redescobrimo um gênio**. São Paulo: É Realizações, 2016.
- LÖWY, Michael.; SAYRE, Robert. **Revolta e melancolia**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.
- MANNHEIM, Karl. O pensamento conservador. In: MARTINS, J. S. (org). **Introdução crítica à Sociologia Rural**. São Paulo: Hucitec, 1981.
- MERQUIOR, José Guilherme. **O liberalismo**: antigo e moderno. São Paulo: É Realizações, 2014.
- MUDDE, Cas. **The ideology of the extreme right**. Manchester: Manchester University Press, 2000.
- PAIVA, Mário Jorge de. Elementos para uma apresentação do pensamento conservador: da disposição conservadora aos conservadorismos decorrentes. **Caderno Eletrônico de**

- Ciências Sociais (Cadecs)**. v. 7, n. 1, 2019, pp. 90-106. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/index.php/cadecs/article/view/27694>. Acesso em: 26 de out. de 2021.
- PAIVA, Mário Jorge de. **Introdução ao pensamento conservador do século XX e início do século XXI: das ideias de G. K. Chesterton até a nova direita brasileira**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2021.
- PATSCHIKI, Lucas. **Os litorais da nossa burguesia: o mídia sem máscara em atuação partidária (2002-2011)**. 2012. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2012.
- ROCHA, Camila. **'Menos Marx, mais Mises': uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018)**. Tese (Doutorado em Ciência Política). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- OAKESHOTT, Michael. Sobre ser conservador. In: Anthony de Crespigny; Jeremy Cronin (Org.). **Ideologias Políticas**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.
- WEAVER, Richard M. **As ideias têm consequências**. São Paulo: É Realizações, 2016.
- PAULA, Christiane Jalles de. **O bom combate: Gustavo Corção na imprensa brasileira (1953-1976)**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.
- QUADROS, Marcos Pereira dos Reis. **Conservadorismo à brasileira: sociedade e elites políticas na contemporaneidade**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/7554>>. Acesso em: 26 de out. de 2021.
- SCRUTON, Roger. **Filosofia verde**. São Paulo: É Realizações, 2016.
- SILVA, Vicente Ferreira da. **Obras completas - Vicente Ferreira da Silva**. São Paulo: É Realizações, 2011.
- SOARES, José Miguel. Nanni. **'Considérations sur la France' de Joseph de Maistre: revisão (historiográfica) e tradução**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- TOMAZ, Adriana da Silva Lisboa. **Ocupação de três escolas estaduais no Rio de Janeiro: ação coletiva; reivindicações e conquistas**. Tese de Doutorado em Educação, PUC-Rio, 2019.
- TRIGUEIRO, Gabriel Romero Lyra. **Neoconservadorismo versus paleoconservadorismo: um estudo sobre a genealogia do movimento conservador norte-americano no pós-Segunda Guerra e suas principais disputas identitárias**. Tese (Doutorado em História Comparada), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

Submetido: 17/05/2022

Aceito: 01/10/2022